

DESCONSTRUINDO ESSENCIALISMOS: A ANÁLISE DO IMPERIALISMO DE EDWARD SAID, OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E AS SOCIOLOGIAS DO SUL

Marcus Vinícius Gomes Caixeta¹

O ponto de partida da elaboração crítica é a consciência do que você é realmente, é o “conhece-te a ti mesmo” como um produto do processo histórico até aquele momento, o que depositou em você uma infinidade de traços, sem deixar um inventário. Portanto, é imperativo no início compilar esse inventário.

Gramsci, Cadernos do Cárcere

RESUMO: O artigo tem como intenção tratar das propostas metodológicas de Edward Said, enfatizando a forma como o autor discute o “imperialismo” em âmbito cultural. Pretende-se abordar de que modo esse autor contribui para a proposição de alternativas à sociologia hegemônica, ao mostrar que as formações discursivas das ciências sociais, ao trazerem em seu corpo de conhecimento as categorias ditas coloniais, deixam de dar conta da variedade das realidades que visam analisar. Como forma de se contrapor aos discursos hegemônicos, ele faz o elogio das *narrativas globais* que dão visibilidade à pluralidade de experiências, vivências e pontos de vista dos colonizados, mas principalmente às *interdependências* entre colonizadores e colonizados.

PALAVRAS-CHAVE: Edward Said; Pós-colonialismo; Sociologias do Sul; Sociologia.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Área Especial 4, Lotes I/J, Torre 02, apartamento 2302, Guará 2, Brasília-DF. 61-2022 6064; 61- 9325 6990.

ABSTRACT: The article addresses the methodological proposals of Edward Said, emphasizing how the author discusses the “imperialism” in the cultural sphere. It is intended to address how this author proposes alternatives to the hegemonic sociology by showing that the discursive formations of the social sciences, since they bring colonial categories in their core, no longer cope with the variety of realities they seek to analyze. As a way to counter the hegemonic discourses, he does praise the global narratives that give visibility to the plurality of experiences and views of the colonized, but especially to the interdependencies between colonizers and colonized.

KEYWORDS: Edward Said; Post-colonialism; Sociologies of the South; Sociology.

1. INTRODUÇÃO

A proposta de uma sociologia não-hegemônica implica que se construa uma disciplina *modificada* em seus procedimentos e interesses, a partir da vigilância contra o chamado “colonialismo epistemológico”. A vigilância visa levar à desconstrução de certos *essencialismos*, dentre os quais as categorias de “modernidade”, “Ocidente”, “Norte” etc. O debate² que parte dessa ideia-força, se se pode assim tomá-la, tem condições de enriquecer as ciências sociais, na medida em que fornece meios de rever as consagradas assunções eurocêtricas que, ao contaminarem sua própria base metodológica, têm enviesado o discurso disciplinar.

O artigo tem como intenção tratar das propostas metodológicas de Edward Said, com destaque a seus trabalhos *Orientalismo* (2013[1978]) – tido por alguns como o “manifesto de fundação” das abordagens conhecidas como “pós-coloniais” (Conrad e Randeria, 2002 *apud* Costa, 2006) – e *Cultura e Imperialismo* (2011[1993]), enfatizando a forma como o autor discute o “imperialismo” em âmbito cultural. Pretende-se abordar de que modo esse autor contribui para mostrar que as formações discursivas das ciências sociais, ao trazerem em seu corpo de conhecimento as categorias ditas coloniais, deixam de dar conta da multiplicidade e das especificidades das realidades que visam analisar.

² Uma variedade de propostas, com intuítos e visadas distintos, é tomada sob o termo “estudos pós-coloniais”. Para um resumo introdutório, ver Costa (2006) e Go (2013).

A abordagem pós-colonial, de modo geral, chama atenção precisamente à lógica colonial reproduzida no discurso da sociologia, em que *Centro*, *Norte* e *Ocidente* são imaginados e irrefletidamente tomados como referenciais únicos a partir dos quais se busca analisar e compreender o *restante do mundo*. Desse modo, *Periferia*, *Sul* e *Oriente* são nomeados e vistos sob os prismas do déficit, do atraso e da incompletude. O *Outro* – o *resto* – é sempre inferior. A exortação a que se procure abandonar essas lentes é talvez a mais importante contribuição da abordagem às ciências sociais, muito embora os autores pós-coloniais não sejam os únicos nem os primeiros a fazerem esse tipo de colocação³.

Impõe-se, em consequência, a questão: que lentes devem substituir aquelas dos produtores consagrados da *episteme* moderna? Como combater as assimetrias consolidadas pelas narrativas teóricas das sociologias euro-americanas, criadoras de dicotomias falsas e redutoras?

2. AS TEORIAS DO SUL

Uma das possibilidades mais recentes foi levantada pelas chamadas “teorias do Sul”, as quais pretendem justamente fornecer uma nova ferramenta às ciências sociais. O caso de Raewyn Connell é exemplar. Como mostra Marcelo Rosa (2014), sua proposta é a de fornecer uma alternativa teórica produzida fora da Euro-América. A autora não apenas revela a existência de várias teorias feitas no chamado Sul Global (*Global South*)⁴, mas discute principalmente o fato de que essas teorias jamais logrem constituir o *core* da sociologia metropolitana, a qual, desde os clássicos, incorporou em suas construções teóricas o colonialismo e o eurocentrismo. Connell propõe que se privilegiem “teorias situadas” (*grounded theories*) no

³ Aimé Césaire e Frantz Fanon, por exemplo, nos anos 1950 já propunham uma guinada na maneira de se enxergar o mundo, a partir do negro e do colonizado. Ver Costa (2006) e Rosa (2014). Para uma abordagem de Fanon, ver Go (2013c) e para uma análise da recepção de Fanon no Brasil, ver Guimarães (2008).

⁴ Em seu livro *Southern Theory: the global dynamics of knowledge in social science* (2007), Connell faz um apanhado de teóricos e teorias da África, América do Sul, Ásia e Oceania, de onde ela mesmo é originária.

lugar das pretensamente universais teorias metropolitanas, como forma de combater reducionismos.

Rosa, no entanto, chama atenção ao fato de que Connell deixa de atentar aos colonialismos internos aos países do Sul. O fato de uma teoria ser produzida nessa parte do mundo não a torna imediatamente não-colonial. Em suas palavras,

We cannot forget that the majority of the social scientists in the South have little or no contact with local or endogenous forms of social knowledge. We also cannot ignore the fact that, due to the colonizing nature of the field, many of the theorists who are based in the South position themselves not on the ground upon which they are writing but instead on abstract global narratives. As Nyamnjoh (2012) warns, at times our theorists appear to be ‘potted plants in greenhouses’ whose atmosphere is as pure and ideal as the narratives on modernity that we receive and teach in our courses at the universities of the South. Not all theories made in the South are thus grounded theory. (Rosa, 2014, p. 12)

Não se coloca, portanto, uma alternativa. O *lugar* em que se produz conhecimento – o *Sul* – não garante sua “descontaminação” das narrativas coloniais. Esse fato é importante, na medida em que mostra a dificuldade em se construir um lugar crítico de enunciação, livre da influência dessas narrativas. Vale a pena aqui resgatar a contribuição de Edward Said aos esforços pós-coloniais de crítica ao pensamento ocidental hegemônico, uma vez que um dos intuitos de sua discussão acerca do imperialismo cultural é justamente tratar das condições de possibilidade desse “lugar crítico”.

3. EDWARD SAID E A CRÍTICA AO IMPERIALISMO CULTURAL

No *Orientalismo*, Said aborda as “representações do ‘Oriente’” (Said, 2013, p. 11), chamando atenção à tendência ocidental de buscar impor suas formas de vida ao mundo situado a “Leste”. Em termos culturais, isso significa devotar pouco ou nenhum respeito às experiências

e conhecimentos das sociedades desse Oriente imaginado, “constructo semimítico” (p. 14) inúmeras vezes feito e refeito à força e ao sabor dos interesses dos sucessivos impérios ocidentais, interesses que não deixam de ter seu componente “benigno” e “altruísta” de educar e civilizar.

Em prefácio ao livro de 2003, Said defende que o imperialismo moderno – desde pelo menos a invasão do Egito por Napoleão no fim do século XVIII – foi recorrentemente responsável por produzir um “conhecimento distorcido do outro, bem como suas próprias imagens redutivas”. (p. 19) Sua intenção é combater esse reducionismo a partir do “humanismo”, tipo de crítica cultural que visa mostrar que “nada do que acontece em nosso mundo se dá isoladamente e isento de influências externas” (*idem*), reflexão semelhante à que fazem os defensores do “hibridismo”, como Homi Bhabha (1994).

A crítica humanista como a enxerga Said se vale também do poder elucidativo do contexto histórico, igualmente responsável pelo combate às simplificações. O cerne de sua reflexão é o elogio da diversidade, da variedade concreta da realidade, e a consequente desqualificação das unidades identitárias, falsas suposições epistemológicas e mesmo ontológicas, a exemplo das que se aglutinam na oposição Oriente/Ocidente. São essas suposições, ou melhor, o discurso sistemático – à la Michel Foucault – que produziu e manipulou afirmações e descrições a respeito do “Oriente” que Said chama Orientalismo.

O Oriente, inexistente *per se*, na natureza, mas constituído pelo que o autor chama *geografia imaginativa*, teria formado, por oposição, a imagem da própria Europa. Mais: o “(...) Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia.” (Said, 2013, p. 28) É intuito do livro mostrar que “a cultura europeia ganhou força e identidade ao se contrastar com o Oriente, visto como uma espécie de eu substituto e até subterrâneo.” (p. 30) O discurso formador do *Outro*, nesse caso, forma também a imagem de *si*. Em verdade, esse *Outro* só existe enquanto representação europeia, pouco importando quem ou o quê realmente viveu e floresceu ali.

O Orientalismo supõe, como se afirmou acima, a crença numa distinção efetiva, ontológica e epistemológica, entre Ocidente e Oriente. Abordar essa crença criticamente implica tratar tais “lugares” como

“entidades geográficas e culturais”, bem como históricas, criadas pelo homem. (p. 31) Isso não quer dizer, contudo, que não existam grupos humanos situados a Leste, com cultura e costumes próprios. Não se questiona sua *realidade*. O foco da empreitada de Said é a “coerência interna” das *ideias* sobre esses grupos humanos, o *discurso* sobre eles, levando em conta as “configurações de poder” que o envolvem. Segundo o autor:

“Seria incorreto acreditar que o Oriente foi criado – ou, como digo, ‘orientalizado’ – e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente como uma necessidade da imaginação. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa (...)” (SAID, 2013, p. 32)

Pois essa relação de poder, efetiva e historicamente real, com ligações importantes com as forças políticas e econômicas, é que explica que *foi o europeu que falou* pelo “oriental”, *o Oeste que falou* pelo Leste, e não o contrário. No caso da sociologia, como se viu, a relação é a mesma: é a sociologia euro-americana *que fala* pelos não-euro-americanos *sobre* as realidades não-euro-americanas, mas a partir de referências euro-americanas⁵.

Desse modo, não se deve negar a existência real do poder político e econômico quando se afirma que o Orientalismo deve sua persistência no imaginário ocidental à ideia de uma identidade europeia que se constitui

⁵ O esforço das ciências sociais metropolitanas em dar conta do mundo além-fronteiras foi sistemático: “*Metropolitan social science has a number of mechanisms for studying the non-metropolitan world, and has constituted several disciplines or subdisciplines for the purpose. The most important are: Anthropology, the home of ethnographic description of non-industrial societies; Development Economics, which flourished during the Cold War, faltered, and is perhaps reviving as an alternative to neoliberalism; Area Studies (e.g. African Studies, Pacific Studies), most commonly an amalgam of history, political science and language study about a particular region; International Relations, traditionally concerned with diplomacy and war which, since decolonisation, has studied non-metropolitan countries in the Western interstate system; and Political Economy, which underpinned Marxist theories of imperialism and Wallerstein’s ‘world-system’ approach.*” (CONNELL, 2007, p. 65,66)

pela afirmação e reafirmação de uma suposta “superioridade sobre o atraso oriental”. (p. 34)

“Sob o título geral de conhecimento do Oriente e no âmbito da hegemonia ocidental sobre o Oriente a partir do fim do século XVIII, surgiu um Oriente complexo, adequado para o estudo na academia, para a exibição no museu, para a reconstrução na repartição colonial, para a ilustração teórica em teses antropológicas, biológicas, linguísticas, raciais e históricas sobre a humanidade e o universo, para exemplo de teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento, revolução, personalidade cultural, caráter nacional ou religioso.” (SAID: 2013, p. 35)

O Oriente é um fornecedor sem fim de *dados* a serem analisados pelos pensadores europeus.

Metodologicamente, a proposta de trabalho de Said visa resolver o dilema: como tratar de pensamentos e pensadores individuais mostrando suas especificidades e ao mesmo tempo revelar seu peso relativo no contexto geral – bem como o peso do contexto nessas individualidades –, especialmente em se tratando do estudo de um corpo de representações massivamente difundido acerca de um *Outro* que se constitui sempre como inferiorizado?

Em primeiro lugar, Said abandona a pretensão de que se possa produzir conhecimento apolítico. Sua motivação é ressaltar que, ao menos no caso de seu estudo, conhecimento e política são indissociáveis, porque o interesse que um europeu ou um americano tem pelo Oriente, por exemplo, é antes de tudo o interesse de um europeu ou de um americano, pertencentes a potências imperialistas com interesse e atuação imperialista nesse mesmo Oriente.

O importante, a seu ver, contudo, é evitar-se supor que o contexto político-econômico imperial determina mecanicamente a cultura e as ideias. Para ele, inversamente, “(...) foi a cultura que criou (...) [o interesse político euro-americano pelo Oriente], que atuou dinamicamente junto

com a lógica política, econômica e militar bruta” (p.40) a tornar o Oriente aquilo que enxergou o Orientalismo. Em suas palavras, o Orientalismo é a

“*distribuição* da consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos (...); é sobretudo um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder...” (SAID, 2013, p. 40, 41)

O imbricamento é total e a força da cultura – dos *discursos* – é formidável. Ao tratar da dominação britânica no Egito dos começos do século XX, Said aponta a existência de uma “teoria geral” segundo a qual idealizadores da tutela ocidental e funcionários coloniais controlavam os “assuntos egípcios”.

“O mais importante sobre a teoria durante a primeira década do século XX era que funcionava, e funcionava tremendamente bem. Quando reduzido à sua forma mais simples, o argumento era claro, era preciso (...). Há ocidentais, e há orientais. Os primeiros dominam; os últimos devem ser dominados, o que geralmente significa ter suas terras ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados, seu sangue e seu tesouro colocados à disposição de uma ou outra potência ocidental.” (SAID, 2013, p. 67,68)

O núcleo do conhecimento sobre o “oriental” é a crença na diferença intrínseca de funcionamento de sua mentalidade em relação à do europeu. Supõe-se sempre sua incapacidade para a lógica, para o raciocínio preciso, uma vez que estabelecida dentro de fronteiras epistemológicas distintas. A suposição, na verdade, tinha caráter de fato, supostamente comprovado *in loco* e com o auxílio de teóricos contemporâneos consagrados do Orientalismo, como Ernest Renan. Esse conhecimento não apenas “racionaliza” o regime colonial; ele o “justifica de antemão”. (p. 72)

Em outro nível, mas sob a mesma lógica, o autor de um texto não escapa jamais das coerções políticas e ideológicas de seu mundo; mais, ele as reitera e reforça. E isso vale tanto para um escritor como Balzac, um filósofo como Locke ou um sociólogo nos dias de hoje. Nos termos da discussão que interessa a esse artigo, vale dizer que tanto os sociólogos do Norte como os do Sul são incapazes de escapar das configurações geopolíticas sob as quais vivem e produzem, assim como, com seu trabalho, colaboram à permanência dessas configurações. O conhecimento possibilita o poder, “azeitando” as engrenagens da dominação e do controle.

Como fica, então, o debate acerca da possibilidade de se colocar criticamente diante do imperialismo cultural? O que pode significar colocar-se criticamente? Basta reconhecer a existência desse imperialismo, como se faz ao denunciar as categorias coloniais generalizadas pela sociologia? Isso, na realidade, não é pouco. Said chama atenção ao fato de que compreender a “persistência e a durabilidade” desses sistemas culturais pode ajudar a perceber precisamente as marcas das ideias constitutivas desses sistemas na vida social como um todo. Em outras palavras, importa compreender como as ciências, as humanidades, a literatura etc. se puseram a serviço do imperialismo, contribuindo para sua atuação, e, a partir daí, buscar entender qual a natureza da relação entre conhecimento e política. (SAID, 2013, p. 44, 45)

Não se pode desprezar a “chacoalhada” no cânone que traz essa atitude, a partir da luz que é jogada sobre o modo pelo qual se produziram e se produzem as representações⁶ imperialistas. Mas isso não é suficiente e o próprio autor o reconhece. Importa pensar uma alternativa. Como se

⁶ Deve ficar claro, em tempo, que, para Said, o que importa em seu estudo são as *representações*, não as “verdades” acerca do Oriente. O Orientalismo *representa* o Oriente e, assim fazendo, dele se afasta. Tornando-o “visível” ao Ocidente, o Orientalismo o esconde. Esse é um ponto crucial: a visão que o Ocidente faz do Oriente não se refere absolutamente à realidade do Leste, mas sim ao próprio Ocidente, à forma como ele, olhando para o Oriente *representado*, enxerga a si próprio. Sob esse ponto de vista, por exemplo, pode-se afirmar que o olhar de Marx, Weber e Durkheim na direção das sociedades “tradicionais”, não-europeias, revela mais sobre a Europa do que sobre essas próprias sociedades. De fato, parecia ser essa a intenção dos *founding fathers* da sociologia europeia.

colocou acima, deve-se pensar a possibilidade de se posicionar num “lugar crítico”.

“Talvez a tarefa mais importante de todas seja a de empreender estudos das alternativas contemporâneas ao Orientalismo, perguntar como é possível estudar outras culturas e povos a partir de uma perspectiva libertária, ou não repressiva e não manipuladora. Mas nesse caso seria necessário repensar todo o problema complexo de conhecimento e poder.” (SAID, 2013, p. 55)

É o que Said busca fazer no *Cultura e Imperialismo*, de 1993.

Em artigo de 1985 intitulado *Orientalism Revisited*, Said já atenta aos problemas ligados à dinâmica da produção de conhecimento, questionando-se acerca de “*how knowledge that is non-dominative and non-coercive can be produced in a setting that is deeply inscribed with the politics, the considerations, the positions and the strategies of power.*” (SAID, 1985, p. 91) O ponto de partida, para Said, é o direito de grupos humanos pouco ou não representados falarem por si mesmos, representarem-se a si mesmos, questão complicada cuja formulação mais conhecida aparece no ensaio crítico de Gayatri Spivak *Can the Subaltern Speak?*, publicado três anos depois.

Said aponta a “mudez” imposta ao Oriente como objeto. (p. 92) Ele não se constituiu em interlocutor da Europa, mas em seu “Outro silenciado”, “paradigma de antiguidade e originalidade”, de “primitividade”, ao qual não se reconhece nem mesmo estar submetido a uma e mesma história. Em suas palavras,

“*As primitivity, as the age-old antetype of Europe, as a fecund night out of which European rationality developed, the Orient's actuality receded inexorably into a kind of paradigmatic fossilization. The origins of European anthropology and ethnography were constituted out of this radical difference (...).*” (SAID, 1985, p. 94)

A reconsideração do Orientalismo, para Said, tem a ver, em parte, com os avanços feitos no sentido da dissolução das polaridades e essencialismos da perspectiva historicista/universalista. Mas tais avanços não se referem às guinadas nativista ou nacionalista que fizeram a cabeça de boa parte dos intelectuais do Terceiro Mundo na época. A seu ver, a saída passa pelo incentivo à pluralidade de pontos de vista e experiências, o que ele chama de “*decentered consciousness*”, em oposição aos apelos a centros de autoridade e a cânones. (SAID, 1985, p. 105, 106) De modo geral, ele defende o compromisso político e metodológico com o “desmantelamento dos sistemas de dominação”.

O “elogio do descentramento”, se assim se pode chamá-lo, é posição também de outros autores filiados ao pós-colonialismo, como Stuart Hall e Paul Gilroy. Sergio Costa (2006) tece elogios à postura:

“Com efeito, (...) impulsionada pelo imperativo do posicionamento político, (...) a discussão sobre o sujeito descentrado leva a uma teorização inovadora da relação entre diferença, sujeito e política. Os autores traçam um caminho que evita tanto os equívocos das correntes pós-modernas que decretam a completa fragmentação do sujeito, como o elogio reificador do ‘Sujeito ocidental’, desenvolvido, por exemplo, por Alain Touraine ou Habermas.” (COSTA, 2006: 131)

No *Cultura e Imperialismo* (2011[1993]), Said busca elaborar um modelo geral de relação entre cultura e império. Sua ênfase recai mais uma vez sobre as *narrativas*, tanto as que permitiram a dominação imperial do mundo não-europeu quanto aquelas criadas e utilizadas pelos povos colonizados para “afirmar sua identidade e a existência de uma história própria (...)”. (SAID, 2011, p. 11) Said mantém o foco sobre a história, como o fez no *Orientalismo*, mas, distintamente, olha agora às experiências de resistência dos “nativos”, às *narrativas* de emancipação e “desconstrução da representação ocidental do mundo” (p.21) e ao efeito que elas tiveram no embate com as “verdades” imperiais.

Olhar efetivamente essas experiências “nativas”, do *Outro*, sempre pela preocupação em “compreender e se comprometer com outras sociedades, tradições e histórias” é a base da proposta do autor, de sua “alternativa”.

“A tese de meu livro é que essas populações e vozes já estão aqui faz algum tempo, graças ao processo globalizado desencadeado pelo imperialismo moderno; ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais, a interdependência de terrenos culturais onde colonizador e colonizado coexistiram e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como de geografias, narrativas e histórias rivais, é perder de vista o que há de essencial no mundo dos últimos cem anos.” (SAID, 2011, p. 22)

Na verdade, para além da compreensão do nativo em seu “território”, deve-se dar importância aos terrenos e experiências comuns, partilhados, à *interdependência* que se configurou pelos conflitos reais e simbólicos entre colonizadores e colonizados. A coexistência deve se sobrepôr nas análises aos separatismos e “centrismos”, sempre via abordagem histórica. No livro, Said privilegia a análise de textos de autores individuais, mas mostrando-as “(...) como parte da relação entre cultura e império.” Ele afirma:

“Não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. A cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica, o que é, de fato, um dos temas principais desse livro.” (SAID, 2011, p. 24)

O autor critica o imobilismo subjacente à noção de *identidade*, núcleo do pensamento cultural imperialista, que divide o mundo entre “nós” e

“eles”, e que também fez a cabeça de parte dos que se revoltaram, como os nacionalistas e separatistas mencionados acima.

Said defende outra forma de se tomar a *identidade*, numa perspectiva que enxerga a variedade e a complexidade dos elementos que a constituem. Tal perspectiva está aberta à ideia de que “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo.” (SAID, 2011, p. 30) O cerne da proposta é, seguindo o que propusera já no *Orientalismo*, o combate aos *essencialismos*.

Abraçar o “hibridismo”, defender a coexistência, rejeitar totalizações e reducionismos, tudo isso faz parte da tentativa por parte de Said de estabelecer um “lugar crítico” ao imperialismo cultural, dentro do qual se encontra o imperialismo disciplinar da sociologia. No livro, Said diz à exaustão que o que importa para compreender o imperialismo clássico é o fato de que seu motor principal foi a imaginação, a “*ideia de possuir um império*”. (p. 45) Seu componente cultural permaneceu, entranhado na arte, na literatura, nas ciências, na sociologia, na antropologia, com a força das crenças e dos sentimentos.

4. EDWARD SAID EM RELAÇÃO A OUTRAS ALTERNATIVAS À SOCIOLOGIA HEGEMÔNICA

Após expor, com riqueza de fontes, tempos e geografias, a força (cultural) do império e a vastidão da superfície do globo que acabou sendo controlada por potências ocidentais, não seria de se esperar a revelação de um caminho mágico rumo a um paraíso crítico livre do imperialismo. Said parece acreditar que a saída são a vigilância e o trabalho pesado do método histórico atento à compreensão do todo ambíguo e híbrido das culturas, os únicos capazes de dar voz às manifestações contrárias ao *establishment*. Sua “alternativa” é aquela que pode ser fornecida, em suas palavras, “observando as diversas experiências em contraponto, como que formando um conjunto de histórias entrelaçadas e sobrepostas.” (SAID, 2011, p. 56) É essa “leitura contrapontual” – leitura do arquivo cultural em questão em *contraponto*, “com a consciência simultânea da história

metropolitana que está sendo narrada e daquelas outras histórias contra (e junto com) as quais atua o discurso dominante” (SAID, 2011, p.102) – o âmago de sua proposta metodológica.

O autor projeta, pode-se dizer, uma espécie de *ciência global esclarecida*. Ele se afasta, desse modo, do projeto das chamadas “sociologias endógenas” e “indígenas”, cuja preocupação é dar conta de realidades “locais” a partir de suas próprias referências e perspectivas, a exemplo dos trabalhos de Paulin J. Hountondji, A. Akiwowo, Francis B. Nyamnjoh, J. Adesina, A. Mafeje, entre outros. Para Said, por exemplo, propor a “africanidade”, como faz Mafeje (2000), deve ser mais prejudicial que vantajoso, uma vez que se trata de contrapor um *essencialismo* a outro.

Syed Hussein Alatas (2000), embora proponha a “emancipação” do “imperialismo intelectual” em termos não muito díspares dos de Said – ao afirmar que, para que se combata a *captivity of the mind* devem-se combater “generalizações e interpretações falsas” (p. 43) –, busca estabelecer, de modo semelhante a Mafeje com a África, uma nova tradição para a ciência social asiática.

Said talvez possa ser aproximado do projeto das “sociologias globais”. Em primeiro lugar, suas formulações, como se viu, põem em xeque a própria pertinência em se tratarem de realidades ou culturas “locais”, uma vez que buscam enfatizar sempre as grandes *interdependências* globais, as “experiências sobrepostas”. Sua proposta lembra a de Sujata Patel (2014), quando ela propõe que se tenha em mente a importância de a sociologia produzir explicações que sejam relevantes a diferentes contextos. Para que isso seja possível, ela defende que se privilegiem as afirmações históricas e contextuais no lugar das universalistas; que o mercado de produção sociológica seja realmente competitivo; e que se construam redes internacionais de pesquisa entre acadêmicos de regiões atlânticas e não-atlânticas. A ideia é que se leve em consideração, efetivamente, a diversidade das produções.

Kathleen Butler-McIlwraith (2006), embora parta da “indigenidade” (*indigeneity*) num nível mais pessoal, uma vez que resalta sua experiência como socióloga aborígine em meio à academia australiana, esmagadoramente branca, toca ponto semelhante a Said. A seu ver, o engajamento de uma

“nativa” na sociologia implica negociação (“acomodação”) com os valores e práticas dominantes do corpo de conhecimento ocidental, sem que isso signifique sua “repetição servil”. Deve haver, ela diz, uma “compreensão sincrética” para além de uma só tradição:

“I (...) do not make a claim for the universal inclusion of Western knowledge but caution that rejecting a discipline, such as sociology, simply because it emerges from a Western tradition does not advance the cause of critical thinking. Rather, it simply inverts the binary by privileging the marginal and dismissing the mainstream.” (BUTLER-MCILLWRAITH, 2006, p. 375)

Julian Go foca seus estudos no que ele chama sociologia do Império e do Colonialismo, com interesse pelo pensamento pós-colonial e suas críticas à teoria sociológica. Assim como Butler-McIlwraith, ele deseja reformular a sociologia em bases não-hegemônicas no lugar de simplesmente abandoná-la como se fosse inevitavelmente um empreendimento colonial, como sugere Mignolo (2014).

Go (2013a) defende que a teoria pós-colonial, embora negligenciada pela sociologia norte-americana, pode fornecer uma importante crítica à sociologia ao permitir a incorporação de teorias sociais *relacionais*, as quais pretendem tomar as unidades sociais (*social units*) como interacionalmente constituídas através do espaço, no lugar de se valer de falsas bifurcações e dicotomias.

A teoria pós-colonial e a sociologia têm, inclusive, pontos em comum, uma vez que ambas visam tratar de temas como “colonialismo”, “raça e etnicidade”, “identidade”, “desigualdade” e “estruturas globais”, além de terem como foco preferencial a formação histórica e os dilemas da modernidade. A primeira atenta às lógicas culturais do imperialismo moderno, com vistas a revelar discursos, *epistemes*, representações etc. que formaram e formam a dominação global ocidental, por um lado e, por outro, com o intuito de incentivar a produção de representações e conhecimentos alternativos que possam buscar imunidade em relação ao conhecimento colonial e sua violência epistêmica. (GO, 2013a, p.

31) A caracterização de Go, no artigo, traz elementos semelhantes aos formulados por Said, especialmente o privilégio ao “relacionalismo” dos constructos sociais e históricos e a crítica aos *binarismos*.

Em defesa da sociologia, contudo, Go (2013b) chega a resgatar o que a seu ver foi a contribuição de um de seus maiores teóricos, Pierre Bourdieu, ao projeto pós-colonial. Nesse ponto ele se distancia de Said. Go chama atenção à crítica do estudioso palestino – e de muitos outros, incluindo Raewyn Connell – à suposta negligência do francês em relação ao assunto do colonialismo. De acordo com ele,

“Bourdieu’s early work, rather than just on Algeria itself or the Algerian revolution, was also about colonial rule, racial domination, and colonial cultures. Bourdieu articulated a systematic theory of colonialism that entailed insights on colonial social forms and cultural processes and contained the seeds for some of his later more well-known concepts and ideas like habitus, field, and reflexive sociology. Bourdieusian sociology can be seen in this light as originating in a critique of colonialism, not only as an ethnography of the Kabyle or Algeria. Because of this, Bourdieu’s early work can and should be part of the social science of colonialism and of postcolonial sociology rather than an object of their critique.” (GO, 2013b, p. 51)

Para Go, é importante contextualizar Bourdieu junto a outros intelectuais cujas obra e atuação política foram influenciadas pela consciência do imperialismo francês e pela luta anticolonial, como Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e Michel Foucault. Além disso, não se deve negligenciar, a seu ver, o impacto à época da formação de Bourdieu, e nele próprio, dos “estudos coloniais”, criação dos anos 1950 em que se destacaram Fanon, Césaire, Mannoni e Memmi, com seu foco original na psicologia social do colonialismo, e Michel Leiris e Georges Balandier, com o foco na antropologia e na sociologia.

Sob esse contexto político-intelectual, Bourdieu teria ocupado um lugar intermediário no espectro de posições em relação ao colonialismo, defendendo seu fim imediato, sem “reformas”, mas se distanciando de posições mais radicais, que flertaram com o comunismo, como a de Sartre.

Sua “sociologia do colonialismo”, de acordo com Go, aparece já em sua primeira obra, *Sociologie de l’Algérie*, em que, a partir de Leiris e Balandier, Bourdieu afirma ser a sociedade colonial um “sistema com lógica própria”. Em trabalhos subsequentes, o sociólogo francês critica a visão de certa antropologia da época, que negligenciaria a influência colonial sobre as “culturas nativas”, bem como a “teoria da modernização”, pelo mesmo motivo. Além disso, ele chama atenção ao racismo e à força como elementos constitutivos da empresa colonial, de modo geral. (GO, 2013b, p.55), bem como aos papéis de “colonizador” e “colonizado”, como formadores de suas respectivas identidades. (p. 58)

A sensibilidade do trabalho de Bourdieu ao colonialismo francês e mesmo o fato de que ele buscou formular uma “sociologia do colonialismo” em moldes que teriam prefigurado as abordagens pós-coloniais (GO, 2013b, p. 67-69) chamam atenção a que não se prejulgue uma abordagem como hegemônica ou não-hegemônica a partir da origem do autor e de seu “continente de enunciação”. Se, como apontado por Rosa (2014), uma sociologia feita no *Sul* não lhe garante *endogenia*, uma outra feita no *Norte* talvez possa efetivamente contribuir ao pós-colonialismo.

De todo modo, aceitar o que se colocou acima como verdade não anula o que se pode chamar a “colonialidade” do saber em seguida construído por Bourdieu. O fato de Bourdieu ter possivelmente cunhado seus conceitos influenciado por sua experiência argelina não muda o fato de que eles foram utilizados posteriormente para tratar de aspectos da realidade social do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste, sem levar em conta quaisquer de suas singularidades. Ainda, deve-se atentar a que o debate que Bourdieu travou sobre o colonialismo na Argélia, no começo de sua carreira, não atingiu o núcleo de sua teoria, não parece ter alterado o caráter de seu corpo de conceitos e generalizações.

Vale a pena ainda focar a contribuição de Go à análise específica do Imperialismo. Sob a influência da teoria pós-colonial, ele busca comparar em seu *Patterns of Empire* (2011) os impérios britânico e norte-americano, a fim de criticar o que ele chama de “excepcionalismo”, presunção de que os Estados Unidos sejam únicos e que sua atuação, tanto interna quanto externamente, seja especialmente benigna. Daí a suposta prerrogativa

norte-americana em guiar e dirigir a história mundial. A comparação com a experiência imperial britânica serve para mostrar as semelhanças entre os dois, minando a ideia de excepcionalidade do Império mais jovem.

Na esteira de Said, embora não o mencione em todo o livro, Go foca como uma *ideia*, que estrutura uma forma de pensar, cria e sustenta um Império. Outra semelhança à abordagem de Said, pode-se dizer, é a preocupação em dar destaque à agência dos colonizados. Além disso, o autor se coloca contrariamente à noção essencialista de “caráter nacional”, onipresente nos discursos geopolíticos norte-americanos.

Aceitar ou negar a “excepcionalidade” implica comparar essa realidade específica a uma “regra”, a um *padrão*. É esse padrão que o autor deseja encontrar e explicar. Em última instância, a busca de “padrões de império” coaduna-se com a proposta “híbrida” de Said, no sentido de que releva as *interdependências* no lugar da falsa unicidade, muito embora o trabalho de Go se concentre preferencialmente nos aspectos político e econômico do Imperialismo e menos nos culturais, como faz o autor palestino.

6. CONCLUSÃO

Que aspectos do projeto de Edward Said podem ser úteis ao pós-colonialismo, aqui tomado como crítica ao conhecimento social hegemônico, mais especificamente à sociologia canônica?

Conforme se pretendeu evidenciar ao longo do artigo, Said mostra como os discursos *orientalistas*, constituídos sob o imperialismo moderno – e, ao mesmo tempo, constitutivos *do* imperialismo – foram responsáveis por criar e propagar distorções a respeito do *Outro*, sempre tomado como inferior, além de criar e propagar uma falsa autoimagem da realidade do “nós” metropolitano. Um dos méritos de Said é sublinhar o fato de que esse “nós” ocidental deve ser visto como fundamentalmente constituído pela empresa imperial/colonial. No *Cultura e Imperialismo*, ele mostra como mesmo a “alta cultura” – a grande literatura realista do XIX e XX – teve papel decisivo como criadora e reprodutora dos discursos imperiais.

Como forma de se contrapor a esses discursos, ele faz o elogio das *narrativas globais* que deem visibilidade à pluralidade de experiências, vivências e pontos de vista dos colonizados, mas principalmente às *interdependências* entre colonizadores e colonizados.

Ele defende o que chama de método “humanista”, histórico, com a proposta de olhar sempre, num “vai e volta” (*back and forth*), os dois lados da fronteira, o que chama de “leitura em contraponto” (*contrapuntal reading*). Assim, é possível se resguardar dos falsos *essencialismos* e reconhecer que a história do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste é uma só grande *história entrelaçada, híbrida*, sem superiores e inferiores, com a preocupação em revelar efetivamente as especificidades das várias realidades locais. É possível, assim, dar destaque ao valor das “teorias situadas” (*grounded theory*), sem, contudo, sobrevalorizar a noção de *lugar*, de *endogenia* ou *natividade* (*nativity*), aos moldes do que fazem algumas das chamadas “sociologias endógenas” e “indígenas”, como se dessas noções emanassem necessariamente a mais profunda das verdades. A “alternativa” são justamente as “experiências em contraponto”, jamais o fechamento em si mesmo, também defendida, como vimos, por autores como Patel, Butler-McIlwraith e Go. Uma ressalva, contudo, deve ser feita: Said, embora defenda como método e como proposta política que se foquem as interdependências e entrelaçamentos entre Norte e Sul, mantém o ponto referencial no Norte, em suas narrativas. Assim, o *Outro* é mantido como tal, ainda olhado a partir de “cá” da fronteira.

De todo modo, e apesar de não ter tratado especificamente da sociologia, a importância e a representatividade do trabalho de Said no âmbito dos estudos pós-coloniais, bem como seu método e sua proposta de alternativa aos discursos hegemônicos, como se procurou expor nesse artigo, trazem importantes contribuições ao pleito das sociologias emergentes.

BIBLIOGRAFIA

ALATAS, Syed H. *Intellectual Imperialism: Definition, Traits and Problems*. Southeast Asian Journal of Social Science 28 (1), p. 23-45, 2000.

- BHABHA, Homi. *The location of culture*. London/New York: Routledge, 1994.
- BUTLER-MCILWRAITH. *(Re)presenting indigeneity: the possibilities of Australian sociology*. *Journal of Sociology*, 42, p. 369-381, 2006.
- CONNELL, Raewyn. *Southern Theory: the global dynamics of knowledge in global society*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- COSTA, Sergio. *Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial*. RBCS Vol. 21 nº 60 fevereiro/2006.
- GO, Julian. *Patterns of Empire: The British and American Empires, 1688 to the Present*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- _____. *For a postcolonial sociology*. *Theory and Society* 42(1), p. 25–55, 2013a.
- _____. *Decolonizing Bourdieu: Colonial and Postcolonial Theory in Pierre Bourdieu's Early Work*. *Sociological Theory*, 31 (1), p.49-74, 2013b.
- _____. *Fanon's postcolonial cosmopolitanism*. *European Journal of Social Theory*, 16 (2), p. 208-225, 2013c.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra*. *Novos Estudos CEBRAP* 81, p. 99-114, julho 2008.
- MAFEJE, A. *Africanity: a combative ontology*. *CODESRIA Bulletin* 1, p. 66-71, 2000.
- MIGNOLO, Walter. *Spirit out of bounds return to the East: the closing of the social sciences and the opening of independent thoughts*. *Current Sociology*, 62(4), p. 584-602, 2014.
- PATEL, Sujata. *Afterword: doing global sociology, issues, problems and challenges*. *Current Sociology*, 62(4), p. 603-613, 2014.
- ROSA, Marcelo C. *Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences*. *Current Sociology*, vol. 62, p. 851-867, 2014.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

